

DE ESTRANGEIROS,
ESTRANGEIRADOS,
IMIGRANTES e
PROSCRITOS. ALMEIDA
GARRETT e EÇA DE QUEIRÓS
NO ESPELHO DA EUROPA.
VIAGEM e HISTÓRIA
SOCIAL. PORTUGAL
ONTEM e HOJE.

Sérgio Nazar David
UERJ / CNPq

Resumo:

Este trabalho enfoca as viagens reais e imaginárias de escritores portugueses e de personagens da literatura portuguesa. Partimos do *Diário de Inglaterra*, importante testemunho do período de exílio de Garrett (1823-1826) ainda no reinado de D. João VI. Seguimos ao entrecho final de *Viagens na minha terra* (1843-1845-1846), decorrido também na Inglaterra, quando Carlos escreve a Joanhinha e conta-lhe seus amores pelas três irmãs inglesas. As duas primeiras longas entrevistas de Carlos Eduardo com Maria Eduarda, n' *Os Maias* (de Eça de Queirós, 1888), quando conversam sobre Portugal e depois sobre Londres e Paris, são recortadas e examinadas no segundo terço do artigo. Concluimos com uma breve reflexão sobre o filme *Os Lisboaetas* (de Sérgio Tréfaut, 2004) e sobre uma intervenção da escritora Inês Pedrosa ocorrida em São Paulo, durante o Congresso da Associação de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa, em 2007. Do conjunto, destacamos as perguntas "O que somos?", "O que fomos?", "O que queremos ser?", recolocadas sempre a partir de uma tentativa de compreender também o Outro.

Résumé:

Ce travail porte sur les voyages réels et imaginaires d'écrivains portugais et de personnages de la littérature portugaise. Notre point de départ est le *Diário de Inglaterra*, témoin important de l'exil de Garrett (1823-1826) encore sous le règne de D. João VI. Ensuite nous passons à l'extrait final de *Viagens na minha terra* (1843-1845-1846), qui a lieu également en Angleterre, lorsque Carlos écrit à Joanhinha pour lui parler de ses amours pour les trois sœurs anglaises. Les deux premiers longs

Palavras-chave:

migrações, exílios,
deslocamentos, viagens
reais e imaginárias

>>

MOTS-CLÉS:

migrations, exils,
déplacements, voyages
réels et imaginaires

entretiens de Carlos Eduardo avec Maria Eduarda, dans *Os Maias* (de Eça de Queirós, 1888), lorsqu'ils parlent du Portugal et ensuite de Londres et de Paris, sont retenus et analysés dans la deuxième partie de l'article. À la conclusion, nous menons une brève réflexion sur le film *Os Lisboaetas* (de Sérgio Tréfaut, 2004) et sur une intervention de l'écrivain Inês Pedrosa, à São Paulo, lors du Congrès de l'Association des Professeurs Brésiliens de Littérature Portugaise, en 2007. De l'ensemble, nous retenons les questions suivantes: "Que sommes-nous?", "Qu'avons-nous été?", "Que voudrions-nous être?"; celles-ci sont toujours replacées à partir de la tentative de comprendre l'Autre aussi bien que nous-mêmes.

108>109

No capítulo VI, do volume I, d' *Os Maias* (Queirós, s/d a), Carlos Eduardo, vem de uma *soirée* à casa dos Gouvarinhos. Chegara a Lisboa para morar com o avô, D. Afonso da Maia, no Ramalhete, à rua das Janelas Verdes, vem de formar-se em Medicina em Coimbra e de uma viagem, à feição daquelas de estudos que príncipes e ricos – cada um a seu modo e com propósitos diferentes – faziam no século XIX. Em Lisboa, Carlos pensa em ser útil ao país, prepara seu consultório, passa a frequentar o *high life*: o Rossio, o Chiado, o Bragança, o Hotel Central, o Aterro, as corridas de cavalos, a Sintra romântica, o Nunes, a Lawrence, quase sempre com enfado.

Carlos Eduardo da Maia resume ao amigo João da Ega o que se passara na casa do conde de Gouvarinho à Rua de São Marçal:

Havia dez pessoas, espalhadas pelas duas salas, num zumzum dormente, à meia-luz dos candeeiros. O conde maçara-o indiscretamente com a política, admirações idiotas por um grande orador (...) e explicações sem-fim sobre a reforma da instrução. A condessa, que estava muito constipada, horrorizou-o, dando sobre a Inglaterra, apesar de inglesa, as opiniões da Rua da Cedofeita. Imaginava que a Inglaterra é um país sem poetas, sem artistas, sem ideais, ocupando-se só de amontoar libras... Enfim, secara-se. (*idem*, 185)

A Rua da Cedofeita, situada no bairro dos ingleses, era o coração do Porto, que se transforma tanto ao longo do século XIX. É o "Porto romântico" de Camilo e de Júlio Dinis, a "Cidade Invicta" de D. Pedro IV, que lá desembarca em 1832, com 7 mil homens, para enfrentar um exército de 80 mil de D. Miguel (cf. Lustosa, 2006: 321-325). A Rua da Cedofeita ficava no chamado "bairro ocidental", também conhecido como "bairro de Cedofeita". O "bairro central" era o portuense propriamente dito; o "oriental" era sobretudo brasileiro, "mais procurado por capitalistas que recolhem da América". Pois esta divisão – algo sumária, evidentemente –, que nos chega pelas mãos de Júlio Dinis, em *Uma família inglesa* (de 1868), dá-nos uma idéia já do que se passou na cidade e de resto do quanto se transformou o velho Portugal beato durante o atribulado período constitucional. Os brasileiros representam o dinheiro, o mundo novo, sob novos valores e alicerces. Os portugueses propriamente ditos (portuenses) o dado mais localista, das tradições, da matéria que de algum modo será transformada pelo devir histórico. Os ingleses: o equilíbrio, a composição possível entre duas ordens de fatores tão diversos (cf. Dinis, s/d a: 621-628).

Que mudanças são estas por que vai passando o Porto e que de resto são também de todo Portugal? Início de uma vida democrática (regime bicameralista, com uma câmara de deputados e outra dos Pares); redução do poder dos reis (que passam a exercer o poder moderador, o quarto poder) e da Igreja (que ainda era grande, mas já está arranhado, basta lembrar que o anticlericalismo grassa no século XIX entre os intelectuais mais progressistas); fim da pena de morte e da escravidão; reformas da instrução pública e primeiras campanhas contra o analfabetismo; luta contra a censura (sobretudo a política); incremento dos jornais (com o surgimento também dos primeiros jornais operários); construção de teatros burgueses (que representavam um meio termo mais formatado ao novo gosto que se vai criando, diferentes dos teatros de ópera e dos teatros populares) (cf. Vasconcelos, 2003), inauguração dos caminhos de

ferro, que encurtavam distâncias e traziam as novidades de Londres e de Paris.

Não se pode pensar a presença inglesa, e também a francesa, no Portugal do século XIX, fora do contexto das grandes lutas liberais. Portugal é e sempre foi um país de grandes dualidades. No final da década de 80 e inícios da de 90, foram socialistas contra cavaquistas. Ontem esquerda contra o salazarismo. No final do século XIX e inícios do XX, eram republicanos contra monarquistas. E antes, ao longo do Oitocentos, eram miguelistas contra constitucionais (liberais). Do lado de D. Miguel estava a Igreja mais reacionária e, disse Garrett, "as oligarquias anãs do século".¹ Pelas reformas lutaram os liberais: vintistas, setembristas, certos grupos cartistas, por fim regeneradores e históricos, sempre mantendo acesa uma história de lutas que vinha dos primeiros exílios dos liberais na Inglaterra e na França.

Garrett amargou dois exílios, de 1823 a 1826, e depois de 1828 a 1832. Nestes períodos viveu entre Inglaterra e França. Viu o mundo, conheceu estes países de dentro e não apenas através dos livros. Isto o fez mais amante da liberdade — ideal de juventude que nunca abjurou —, mas também deu-lhe certa visão mais crítica e mais complexa do tabuleiro de forças e interesses sobre o qual se moviam as potências e as classes sociais européias.

O primeiro exílio iniciou-se em 9 de junho de 1823, quando embarcou para Londres, após a suspensão da Constituição liberal por D. João VI e a revolta de Vila Franca. No *Diário da Inglaterra* (de 1823), Garrett registra:

Agora quem verei eu n'essas praias sombrias? O taciturno John Bull com a suas botelhas e com os seus negocios, indiferente a tudo quanto não é d'esse genero, e pensando de muito boa fé que um estrangeiro não é homem porque não é inglez. — Orgulhosos sois (não ha hi negál-o) mas que solida base não tem o vosso orgulho, e que rasões a milhares vos não levam quasi por força a desprezar o resto dos viventes, e a vos

ter em tal alta conta? — Ricos, triunphantes, senhores do mar, poderosos na terra; livres e cidadãos em vossa ilha, reis e despotas no continente, eis ahi o que ha sido esse povo, e o que agora é mais que nunca, quando nenhum rival em gloria ou liberdade lhe apresenta o degenerado e acobardado continente!... (*apud* Amorim, 1881: 293)

Garrett reconhece uma organização interna na Inglaterra (que, para ele, inclui Escócia e Irlanda) que faz daqueles que ali vivem "cidadãos". E todos nós sabemos o peso e a força que este vocábulo tinha no século XIX. Dizer "cidadão" era dizer também espírito livre, partidário da luta que se travava em todo o continente contra o Antigo Regime e os privilégios inaceitáveis de uma elite de barões, que no correr do século vai saber muito bem se adaptar aos novos ventos.

Júlio Dinis percebeu isto. Em *Os fidalgos da casa mourisca* (de 1871) mostra-nos, através de Gabriela (a prima tão cosmopolita dos Negrões de Vilar de Corvos), que os fidalgos precisam de dinheiro e os burgueses precisam de fidalguia. Burgueses se afidalgam, fidalgos se aburguesam...² Isto é um sinal de que nada muda? Ou de que tudo muda para que nada mude? Penso que não. O mais exato talvez fosse dizer que o que parecia não mudar assumia novos contornos, menos nítidos, mais flexíveis, justamente porque em suas camadas mais profundas a sociedade mudava, mudava sim, preparava e forjava mudanças, que, àquele momento, alguns poderiam julgar inviáveis, impossíveis... Mas não eram.

Apesar de tudo, Garrett não deixa de anotar em seu diário:

Viva Albion, e as suas nevoas! Mais puro é este ar com toda a sua humidade que esse outro que se respira no delicioso clima de nossas Hespanhas, apesar de sua clareza e puridade. — Pelo menos é livre este; ninguém m'o coarcta aqui, ninguém m'o inveja, ninguém me vem medir os tragos que me toca a tomar d' elle: nem me aguardam calabouços e fogueiras, se o não fiz e respirei segundo as regras do capricho e louca phantasia d'essas sphinges. (*idem*, 293-294)

O azeio, a riqueza, o arranjo, o systema de ordem e regularidade que nas mais pequeninas cousas se observa é unico e privativo d'este paiz. Isto tudo aqui anda como um relógio, me disse um dia um portuguez judicioso, fallando de Inglaterra: dá-se-lhe corda corda e elle vae por si. — Nunca vi comparação mais exacta: desde a constituição do estado, desde a grande machina do governo britannico até ao pequenino engenho da economia de um *cottage*, de uma cabana de aldeia, tudo anda certo, regular, direitinho e methodico: tudo vae por si como um relógio... (*idem*, 286)

112>113

De volta do primeiro exílio, após a morte de D. João VI, em 10 de março de 1826, Garrett escreve o semanário *O Cronista* (1827), de que foi praticamente o único redator (*idem*, 286). Nestas páginas, expõe os seus preceitos políticos e defende uma literatura que colaborasse por uma solução moderada, ordeira, pacífica, progressiva, através da qual Portugal se inserisse “na balança da Europa”.³ *O Cronista* deve ser lido neste contexto — que vai da outorga por D. Pedro IV da Carta Constitucional, em 29 de abril de 1826, à subida ao poder, em 1828, de D. Miguel, seu irmão (*cf.* Monteiro, 2004: 29-50) —, inserido de modo direto no combate ao miguelismo, que terminaria por empurrar Garrett e outros liberais para um segundo exílio.

No artigo “Literatura inglesa — Sir Walter Scott”, Garrett reconhece em Walter Scott “o escritor mais nacional de que nunca houve memória”, “o conhecimento profundo da literatura antiga e de quasi todas as modernas” e também a incontestada singularidade de sua escrita. Para Garrett, “o talento de Walter Scott consiste em pintar admiravelmente nos seus romances as paixões políticas dando também seu papel ao [...] povo, [...] associando [...] os interesses privados de seus heróis d’invenção aos resultados de alguma revolução importante”. Garrett enuncia aqui, através de Scott, um preceito fundamental do romance do século XIX, quer fosse um romance de temática contemporânea (chamado à ocasião em Portugal “romance contemporâneo”), quer fosse um romance histórico. E o faz não por razões meramente estéticas, mas sim porque não pode

conceber a literatura senão como uma arma na luta contra o obscurantismo, que pode estar do lado das cabeças coroadas — quando estas se fazem absolutas, dum “despotismo sem restrição” —, mas também sob novas vestes, nas caleches dos barões, nos palácios construídos a partir de uma “desigual distribuição de riquezas” (Garrett, 2007 a: 62-64).

É neste ponto que trago um outro artigo, que Garrett dá à estampa também em *O Cronista*, intitulado “Literatura inglesa — Viagens — Lady Morgan; e sua Itália”. Nele detém-se no livro *Itália* da viajante Lady Morgan. Dá destaque à passagem em que a escritora descreve a capela sepulcral dos Médicis, em Florença. O ataque de Garrett, ao transcrever n’ *O Cronista* este passo do livro de Lady Morgan, é ao miguelismo, ao Antigo Regime e ao poder econômico:

Before this chapel could have been raised by one family, how many millions must have suffered under the extortions of unlimited power and exactions of unrestricted despotism! What an unequal distribution of riches — what misery — what pomp — what slavery — and what wast of a nation’s wealth — does the chapel of the tombes, recal and commemorate!” (*idem*, 57)⁴

Através do olhar de Lady Morgan, nas páginas d’ *O Cronista*, em 1827, quando as sombras do miguelismo já se anunciam, Garrett antecipa o que nos dará em 1843, em plena ditadura cabralista, quando, no capítulo III, de *Viagens na minha terra*, pergunta “aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização [...], à penúria absoluta, para produzir um rico?” (*idem*, 1963b: 23-24)⁵

Em *Viagens na minha terra*, temos, na carta final de Carlos a sua prima Joaninha, um longo entrecho ambientado na Inglaterra. Antes de deter-me justamente nesta passagem, evoco as circunstâncias em que veio a lume este livro verdadeiramente invulgar sob tantos aspectos.

Lembro que todo o reinado de D. Maria II (1834-1853) foi muito atribulado: gabinetes caíam uns sobre os outros, cabeças rolaram, masmorras, patíbulos, exílios, jornais fechados, levantes populares (como a Maria da Fonte e a Patuleia) — este era o dia-a-dia do país. Em suma, as reformas que se iam fazendo encontraram muita resistência: à direita (miguelistas e cartistas mais conservadores) e à esquerda (setembristas, cartistas moderados como Garrett, republicanistas). Uns achavam-nas excessivas, outros impingiam-lhes o rótulo de superficiais. Poucos perceberam que o que se ia fazendo era muito, era talvez o possível, o fermento para mutações mais decisivas, abortadas mais à frente com o salazarismo.

Garrett bate-se, nas *Viagens*, justamente contra estes vetores tão conflitantes e tenta indicar um caminho reformista, que não passasse por uma guerra fratricida.⁶ De um lado estava o Portugal velho, já marcado por pecados históricos; de outro os burgueses endinheirados do novo mundo que já têm título de barão. Durante a ditadura cabralista, há também pouca liberdade. Salvo o "débil clamor da imprensa liberal",⁷ o resto é silêncio. É neste contexto que tenta esboçar um caminho para o Portugal novo, através de Carlos, protagonista da narrativa (que por fim se revela um fraco e entrega-se, nas malhas d'el rei Sancho, ao materialismo e ao baronato), e também através da crença numa "religião de Cristo", que ele crê "amiga da Liberdade" (*idem*, 263).⁸

Carlos decide partir para a Inglaterra. O exílio da pátria é também o exílio da casa paterna. Carlos suspeita de um crime que Frei Dinis cometera. O frei fora amante de sua mãe (já casada). Num duelo, morrem o pai de Joaninha e o suposto pai de Carlos, que tentavam vingar a desonra da família. Frei Dinis é o assassino daquele que até então Carlos pensara ser seu pai. Mas é também, ficamos sabendo, o seu pai, do ponto de vista das leis biológicas. A expiação do crime cometido dera-se através da vida religiosa que se impõe.

Frei Dinis supervisiona os assuntos da casa, tem certa ascendência sobre a avó de Carlos. E — este ponto é importante — ocupa para Carlos, a despeito de tudo, a função paterna. Exerce-a independentemente do que se revela depois: que só pudera chegar a esta posição através do crime e de um romance fora da esfera do casamento. Não há como não perguntar aqui: então a única forma de escolher uma mulher que já era esposa, num mundo como aquele, era através de um crime? Por fim, Frei Dinis passa do crime à renúncia e vive como quem já nada quer, sob a máscara austera de frade.

Em sua viagem à Inglaterra, Carlos foge de uma história, de um “pecado”, de um “enorme crime” (*idem*, 309) que não é seu. Por quê?

>>

Na Inglaterra, conhece três irmãs: Júlia, Laura e Georgina. No dulcíssimo lar desta família, Carlos aprende, “em suaves lições”, “os mais difíceis ápices da perfeição” da língua inglesa, “as belezas mais sentidas” da literatura inglesa, “o espírito e o tom difícil [daquela] sociedade tão desdenhosa e fastienta, mas tão completa e tão calculada para sublimar a vida e a desmaterializar” (*idem*, 312-313). Em breve, Carlos já ama Laura, que por sua vez já tem um casamento acordado. Carlos declara-lhe o seu amor, vê-a banhada em lágrimas. Nada acontece e a lei que prevalece é a da renúncia. É Júlia quem vem dizer a Carlos que Laura o ama, mas “não deve nem pode amá-lo”, porque “está comprometida” (*idem*, 321). Laura parte para o País de Gales, onde tinha uma amiga e lá iria aguardar o dia do casamento, quando então partiria com o noivo para a Índia. Já separado definitivamente de Laura, Carlos declara — na carta em que conta tudo isto a Joaquina — que em nenhuma passagem da sua vida fora “tão capaz de renegar de Deus e descreer dele como nesta” (*idem*, 325).

A imagem que Garrett nos dá do protagonista de *Viagens na minha terra* (Carlos) é a de um homem proscrito, que não se exilara por razões políticas. Fugira de um crime que não cometera, depois depara-se com uma situação semelhante àquela

vivida pelo pai — talvez porque não chega a descrever de Deus —, opta por recuar e aceita o que lhe impõe o social: a renúncia ao amor de Laura.

Depois Carlos apaixona-se pelas outras irmãs e se vê como um homem indigno. Talvez seja mais tranquilizador imputar-se uma culpa e assim reconhecer-se fraco moralmente do que posicionar-se diante do desejo. Mas convém perguntarmo-nos: havia espaço naquela sociedade para outra solução que não esta de Carlos (a renúncia ao desejo e a opção pelo baronato)? Ele adota por fim esta posição por se ver — tão fortes eram as forças sociais — sem escolha? Ou por temor de repisar a trilha paterna (em que desejo se associara a crime)?

A vida na Inglaterra para o protagonista de *Viagens na minha terra* — vemos agora — não foi por si, como o relógio... Carlos saiu de Portugal, aprendeu tanto na Inglaterra, mas há algo que o social, a “civilização”, o convívio com as três inglesas não pôde apagar: a sua história afetiva. Mais: a Inglaterra racional, culta, vitoriana, encarnava e divulgava modelos de conduta que não davam espaço à singularidade do desejo. Portanto, podemos afirmar: que o impasse vivido por Frei Dinis repetesse fora de Portugal com Carlos; e também que Carlos e Frei Dinis vivem verdadeiramente, isto é, na pele, um drama que é mesmo acima de tudo o drama de uma época (embora não de todos os homens) na sociedade ocidental.⁹

A Inglaterra de Garrett não é uma Inglaterra dos livros, não é uma Inglaterra pré-fabricada, ou idealizada, ou sonhada na Rua da Cedofeita. Também Eça soube muito bem fazer este caminho de Garrett, que foi o de olhar mais atentamente esta Europa dita culta e civilizada, porém certamente pouco exemplar. Para mostrar isto, sirvo-me de duas passagens d'*Os Maias*.

Da primeira vez que recebe Carlos em sua casa, ainda à Rua de São Francisco, antes de se mudar para os Olivais, Maria Eduarda comenta o horror que Miss Sarah, sua governanta (inglesa), tem de Portugal. A conversa segue até que Carlos pergunte: “E V. Exa., minha Senhora, [...], como acha Lisboa?” Ela

diz-lhe que gostava bastante: "achava muito bonito este tom azul e branco da cidade meridional... Mas, havia tão poucos confortos!... A vida tinha aqui um ar que ela não pudera perceber ainda — se era de simplicidade ou de pobreza." Ao que Carlos responde: "Simplicidade, minha senhora. Temos a simplicidade dos selvagens..." Ela ri... E arremata: "Não direi isso. Mas suponho que são como os gregos: contentam-se em comer uma azeitona, olhando o céu que é bonito..." (Queirós, s/d, vol. II: 19)

Diante das maravilhas tão discutíveis da civilização, Portugal aparece, neste diálogo, como um país que não precisa se mirar no espelho da Europa. Há algo ali que tem valor e que escapa à ficção forjada em torno da idéia de cultura, de civilização... Mais: ela diz a Carlos "sou portuguesa" e mais à frente conjuga o verbo na terceira pessoa — "são como os gregos", "contentam-se em comer uma azeitona". Ela está dentro, ela é portuguesa, e diz "devo dar-me bem". Sente-se no dever de olhar Portugal como portuguesa, muito embora tivesse vivido toda a vida na França e na Inglaterra. Chegara a Portugal naqueles dias. E, se falava bem o português, era porque tivera mãe portuguesa e agora um "marido" brasileiro. Ela diz — repito — "sou portuguesa" e depois "são" e não "somos como os gregos", o que decerto seria mais lógico, já que "era" portuguesa.

Este ponto de vista, de quem está dentro e fora, permite-lhe olhar Portugal criticamente mas não cruelmente. E então compara os portugueses aos gregos, que se contentam em comer uma azeitona perante um céu bonito.

Mas não basta viajar, conhecer outras terras, para olhar com ternura o seu país. É preciso algo mais... Este algo mais Maria Eduarda tem. Ela não vê Londres e Paris com deslumbramento subalterno. Critica, por exemplo, a imagem duvidosa de progresso que Paris ostenta através do *boulevard*.

Vamos à segunda cena d'*Os Maias*...

Carlos retorna dias depois à Rua de São Francisco... Nova conversa com Maria Eduarda, desta vez sobre livros, sobre Londres e Paris:

Falavam de Paris e do seu encanto, de Londres onde ela estivera durante quatro lúgubres meses de Inverno, da Itália que era o seu sonho ver, de livros, de coisas de arte. Os romances que preferia eram os de Dickens; e agradava-lhe menos Feuillet, por cobrir tudo de pó de arroz, mesmo as feridas do coração. Apesar de educada num convento severo de Orleans, lera Michelet e lera Renan. De resto não era católica praticante; as igrejas apenas a atraíam pelos lados graciosos e artísticos do culto, a música, as luzes, ou os lindos meses de Maria, em França, na doçura das flores de Maio. Tinha um pensar muito recto e muito são — com um fundo de ternura que a inclinava para tudo o que sofre e é fraco. Assim gostava da República, por lhe parecer o regime em que há mais solicitude pelos humildes. Carlos provava-lhe rindo que ela era socialista.

— Socialista, legitimista, orleanista — dizia ela — qualquer coisa, contanto que não haja gente com fome!

Mas era isso possível? Já Jesus, mesmo, que tinha tão doces ilusões, declarara que pobres sempre os haveria...

— Jesus viveu há muito tempo, Jesus não sabia tudo... Hoje sabe-se mais, os senhores sabem muito mais... É necessário arranjar-se outra sociedade, e depressa, em que não haja miséria. Em Londres, às vezes, por aquelas grandes neves, há criancinhas pelos portais a tiritar, a gemer de fome... É um horror! E em Paris então! É que se não vê senão o *boulevard*; mas quanta pobreza, quanta necessidade... (*idem*, 33)

Maria Eduarda vê em Londres a barbárie que a civilização não conseguira ocultar e, mais ainda, produzira. Ela inverte os sinais: "quanta pobreza" em Paris, mas... só se vê o *boulevard*. Muitos estão mesmo cegos, vendo em Londres — de novo Garrett — apenas os relógios, que parecem andar por si. Outros, de Paris fixam só o *boulevard*, o mundo envernizado dos elegantes... Maria Eduarda lembra a Carlos que em Londres, pelas "grandes neves", "há criancinhas pelos portais a tiritar, a gemer de fome". Quando Carlos responde que "já Jesus [...] declarara que pobres sempre os haveria", ela discorda de novo: "Jesus viveu há muito tempo, Jesus não sabia tudo... [...] É necessário arranjar-se outra sociedade, e depressa, em que não

haja miséria.” Estamos vendo por que Maria Eduarda preferia Dickens a Feuillet, que, segundo ela, cobria tudo de pó de arroz, “mesmo as feridas do coração” (*ibidem*).

Portanto, temos aqui uma personagem que tenta olhar de dentro o “seu país” e que, porque da Europa não vê só o luxo das madames no *boulevard*, pode também aceitar quase resignadamente que em Portugal talvez “progresso” seja bem outra coisa.¹⁰

Aqui podemos entender melhor porque Camilo usa os brasileiros ricos (os “torna-viagem”) como a imagem maior de uma modernização chocante para a qual se devia voltar as costas. Para Camilo, talvez não fosse possível uma modernização que trouxesse ao país o que a dita “civilização” tinha de melhor (ou mais aceitável) e que guardasse de Portugal a sua singularidade. Isto — que foi o farol de Garrett, depois de A. P. Lopes de Mendonça, de Júlio Dinis (de Eça pouco menos) — era miragem para Camilo, que só via na civilização liberal a corrupção, a lama, o monturo...

>>

O que muitos quiseram fortemente, bravamente, no século XIX foi justamente juntar o novo com o velho, a civilização (com suas melhorias materiais) ao dado localista simbolizado aqui pelo “céu” e pela “azeitona”.

D. Afonso tenta reunir isto: saudara a constituição liberal com chapéu de jacobino. Para o neto, traz um preceptor inglês (Mr. Brown), porque não lhe quer ver sob a tutela dos padres. Está aqui o anticlericalismo de Eça. Mas também, quando vêm as corridas de cavalos, o patriarca dos Maias surpreende o Dâmaso dizendo-lhe que prefere os touros. São mais portugueses e dão mais músculo. Dâmaso replica: “um inglês” (D. Afonso) preferir “touros a corridas de cavalos”? Ao que D. Afonso, responde:

— Um simples beirão, sr. Salcede, um simples beirão, e que faz gosto nisso; se habitei a Inglaterra é que o meu rei, que era então, me pôs fora do meu país... [...] E acredite uma coisa: é que se nesta triste geração moderna ainda há em Lisboa uns rapazes com certo músculo, a espinha direita, e capazes de dar um bom soco, deve-se isso ao touro e à tourada de curiosos... (*idem*, 383-384)

D. Afonso é Portugal, mas não qualquer Portugal. É aquele Portugal liberal, que não quer ficar parado no tempo, mas que para tanto não está disposto a babar por tudo que vem de fora.

Maria Eduarda e D. Afonso conseguem olhar Portugal de fora e de dentro também. De dentro vêem o que não estava bem no país, o que não lhes convinha; de fora vêem um Portugal que não precisava usar um referencial exterior e que portanto podia tomar-se como centro, criando assim alicerces próprios para a sua história, com seus touros, suas azeitonas e o céu azul.

Os Maias, que tem como subtítulo "Cenas da vida romântica", é um romance de franca avaliação de quase meio século de vida democrática, de abertura às outras culturas, onde vemos impressas as perguntas "O que somos?" e "O que queremos ser?" Garrett deu a isto uma resposta sem dúvida alguma mais otimista que Eça. De todo modo, não há nestes dois escritores uma desistência absoluta em relação ao que vinha sendo feito em Portugal. Apenas, amadurecendo, já não abraçam a nuvem, tomando-a por Juno, bela metáfora usada por Garrett no conhecido Discurso de Porto Pireu (Garrett, 1904: 51-95).¹¹

É neste ponto que quero chegar.

O século XIX produziu mutações enormes na sociedade portuguesa. Com isto cria-se uma onda de transformação que não podia descurar da singularidade do país. É conhecido o impasse que Eça nos apresenta, ao final d' *Os Maias*, num diálogo entre Carlos e João da Ega, que reclamam que em Portugal tudo é postiço (Queirós, s/d, vol. II: 406-439).¹² Isto vem-nos por Carlos e Ega, mas não é necessariamente a voz de Eça. É uma queixa que estava no ar, sinal de que muitos portugueses se perguntavam "Isto está bem deste modo?" São marchas e contramarchas de um país que já não pode mais ser o que fora, não sabe ao certo o que é e não pode prever o que será. Manter-se a tensão deste impasse parece-me algo bastante salutar.

O salazarismo, mais adiante, vai denegrir a experiência liberal e não é à toa que custa-lhe ver naquele passado recente e turbulento (que vem da constituição de 1826) algo mais do que

uma lama em que vinham todos patinando e arriscavam afundar. O salazarismo é extemporâneo e passadista porque olha o país só de dentro (e mal), fora do contexto mundial.

Quando hoje observamos a sociedade portuguesa, vemos-lhe novamente uma grande força de transformação parecida com aquelas que impulsionaram o Portugal de Garrett, Herculano e Eça. Vemos uma luta por maior politização, por menores desníveis sociais, por maior escolarização e mais liberdade. Para notar isto é preciso ver de dentro, olhar o presente, olhar a história de Portugal. O que é o país – e o que foi.

Digo isto porque tenho ouvido no Brasil e em Portugal que o 25 de Abril foi uma revolução de fachada.

>>

Mas o 25 de Abril mudou a cara do país. Dou um exemplo: a aprovação da discriminalização do aborto depois de várias tentativas. Quem podia imaginar há trinta anos que isto se daria? A própria transformação da família portuguesa mostra que o 25 de Abril foi também uma revolução de costumes (o que não é pouca coisa).

Minha pergunta maior é: a que serve a tentativa de anular o trabalho de uma geração que vem tentando tirar Portugal do lugar algo ridículo de primo pobre que, dizem e repetem, nunca teria superado os males da Inquisição e o trauma da perda das colônias? Pergunto ainda: tentar explicar as imperfeições da sociedade como um erro supostamente insuperável do passado, não seria uma forma conservadora e perigosa de despolitização?

Centro-me agora, neste bloco final de minhas considerações, no olhar brasileiro sobre a cultura portuguesa e no olhar português sobre o Brasil. Parece-me que brasileiros e portugueses miram-se ainda hoje no espelho das suas / nossas diferenças, o “narcisismo das pequenas diferenças”.

Vivi em Portugal durante um ano e então pude observar melhor o meu país (o Brasil) e ver Portugal com outros olhos. E uma pergunta neste tempo voltava-me sempre: por que é tão difícil ao brasileiro (já que está tão próximo) desprender-se do preconceito, da visão preconcebida dos portugueses? Por que

também o português dificilmente consegue ver “um brasileiro”, caindo tantas vezes no clichê d’ “o brasileiro”, aproximado ainda hoje ora àqueles brasileiros de Camilo Castelo Branco, endinheirados e pindéricos, ora à imagem mais atual do imigrante pobre que no máximo terá a piedade condescendente de uma certa esquerda hipócrita.

Lembro-me de um filme que vi em Lisboa intitulado *Os Lisboetas* (2004), de Sérgio Tréfaut, um documentário sobre a grande vaga de imigração dos últimos anos em Portugal. Neste documentário, diziam os reclames, “a palavra [seria] dada aos recém chegados”. Mas o que dizem os estrangeiros quase nunca foge do raio da banalidade. Ao final, os brasileiros e demais serão vistos com desdém ou pena. Seria preciso retirar da diferença (mostrar naquele que é diferente) algo que mudasse os referenciais dos que se julgam “centro”. Isto não acontece no filme. Não acontece por quê? Porque Portugal é visto só de dentro (de Portugal) e os brasileiros são vistos só de fora (do Brasil). Seria preciso arrancar daqueles brasileiros (através de perguntas incômodas e/ou surpreendentes) algo que mudasse as idéias que o senso comum difunde dos deslocamentos hoje tão constantes e do próprio imigrante, o que, salvo engano meu, não se dá no filme, que surpreendentemente alcançou enorme repercussão em Portugal.

De volta ao Brasil, no Congresso da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), em São Paulo (2007), a escritora Inês Pedrosa fez uma intervenção em que o português aparecia como um trapalhão, um perdedor inveterado, de certo modo confirmando um trocadilho malévolo corrente nos Estados Unidos: “luser”. O episódio trouxe alguma revolta aos portugueses presentes e à maioria dos brasileiros (não todos). A escritora parecia querer adequar-se, talvez sem se dar por isso, ao público maior que tinha diante de si (de professores brasileiros). Durante a sua fala, que me desagradou tanto, perguntei-me: “teria dito isto em Portugal”? Fora do seu país, foi muito dura, talvez tentando corresponder a uma

imagem preconceituosa que tantos brasileiros têm de Portugal. Deu-nos de si e dos seus uma imagem redutora, mas também desoladora e desolada. Faltou à autora de *Fazes-me falta*, não soubemos por quê, um olhar mais de dentro (com visão política e histórica), mais solidário (como o de Maria Eduarda n' *Os Maias*) para com os seus.

Parti de Garrett e de Eça, que nos dão, através de um olhar singular da Inglaterra, mas também da França, uma imagem mais real de Portugal. Talvez este breve ensaio ajude a rasurar um pouco a idéia tão superficial de um Garrett mundano e dândi, de um Eça impiedoso e mordaz com o seu país, rótulos que, a meu ver, caem-lhes mal e pesa-lhes por parciais, mas sobretudo injustos que são.

>>

Concluí com uma breve apreciação do filme *Os Lisboetas* e da fala da escritora Inês Pedrosa (no Congresso da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, em São Paulo, 2007), que aproximou alguns brasileiros e portugueses, que, na platéia, se sentiram confrangidos, sonhando ainda com um país que, já agora, decorridos mais de trinta anos do 25 de Abril, a duríssimas penas vai-se reinventando. <<

Rio de Janeiro, dia de Santo Antônio, 13 de Junho de 2008.

[1] *Vide* prefácio a *O arco de Sant'Ana*, intitulado "Ao leitor benévolo, na primeira edição", datado de 14 de dezembro de 1844: "(...) confessemos a verdade: estas modas de 'renascença', esta paixão do gótico em literatura e arquitectura, este horror ao clássico, inspirado pela escola romântica, tem, sim, tem ajudado mais do que se cuida, nas funestas tentativas de reacção e retrocesso social que, há trinta anos a esta parte, andam insaiando as oligarquias anãs do nosso século para se substituírem às gigantescas aristocracias dos tempos antigos." (Garrett, 2004: 55-56)

[2] *Vide* capítulo VI e especialmente a carta de Gabriela ao tio, no capítulo XI: "(...) deixe-me dizer-lhe, meu bom tio, que há uma certa ordem de coisas, com que provavelmente, na sua opinião, Maurício não deve transigir, mas sem transigir com as quais não se dá hoje neste mundo um passo que tenha jeito. Creia que nos nossos dias é pouca a gente que não está convencida disso, e raros os que ainda se contentam com ficarem sendo imóveis colunas do trono e do altar, enquanto outros se vão andando." (Dinis, s/d b: 984)

[3] *Vide* Luís Augusto Costa Dias, "Introdução: os fundamentos do pensamento político de Garrett na fase da doutrinação liberal". In João Baptista de Almeida Garrett. *Obra política: doutrinação da sociedade liberal (1824 - 1827)*. Lisboa: Estampa, 1991, p. 27. Ver também José F. da Silva Terra. "Les exils de Garrett en France". *Bulletin des Études Portugaises (nouvelle série)*, 1967 - 1968, n. 28 e 29. E ainda, evidentemente, Almeida Garrett, *Portugal na balança da Europa. Obras de Almeida Garrett*. Vol. I. Porto: Lello & Irmão, 1963a. O livro de Garrett, publicado em Londres, é de 1830 e é um modo de saudar a revolução liberal francesa do mesmo ano.

[4] "Antes que esta capela fosse construída por uma família, quantos sofreram sob as extorsões de um poder ilimitado e exigências de um despotismo sem restrição! Que desigual distribuição de riquezas - que miséria - que pompa - que escravidão - e que desperdício da saúde da nação - esta capela de tumbas relembra e comemora!" (tradução nossa).

[5] Este capítulo, o III, saiu originalmente na *Revista Universal Lisbonense* em 14 de setembro de 1843.

[6] "Porque será que aqui não sinto senão tristeza? Porque lutas fratricidas não podem inspirar outro sentimento e porque... Eu moia comigo só estas amargas reflexões, e toda a beleza da charneca desapareceu diante de mim." (Garrett, 1963b: 60)

[7] "Se exceptuarmos o débil clamor da imprensa liberal já meio esganada da policia, não se ouve no vasto silêncio deste ermo senão a voz dos barões gritando contos de réis." (*idem*, 97)

[8] Sobre este aspecto reformista da obra de Garrett, ver Monteiro, Ofélia Paiva (1993), *Viagens na minha terra, o nascer da modernidade literária portuguesa*, Lisboa, Casa da Imprensa e (2001), *O essencial sobre Almeida Garrett*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

[9] Sobre a cultura vitoriana burguesa, ver a pentalogia de Peter Gay: *A paixão terna, A educação dos sentidos, O cultivo do ódio, O coração desvelado e Guerras do prazer*. Há um sexto volume que resume e reavalia os pilares fundamentais deste monumental trabalho intitulado *O século de Schnitzler. A formação da cultura da classe média, 1815 -*

1914. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Os seis volumes estão publicados no Brasil.

[10] Vide Queirós, Eça de (s/d b), "O Natal", in *Cartas de Inglaterra*, Porto, Lello & Irmão. Esta crônica foi publicada originalmente na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 9/2/1881, e coligida postumamente (1905) em volume por Luís de Magalhães. Destaco: "Jesus tinha razão: haverá sempre pobres entre nós. Donde se prova que esta humanidade é o maior erro que jamais Deus cometeu. Aqui estamos sobre este globo há doze mil anos a girar fastidiosamente em torno do Sol, e sem adiantar um metro na famosa *estrada do progresso e da perfectibilidade*: porque só algum ingénuo de província é que ainda considera *progresso* a invenção ociosa desses bonecos pueris que se chamam máquinas, engenhos, locomotivas, etc., e essas prosas laboriosas e difusas que se denominam *sistemas sociais*." (grifos do autor)

[11] Sobre este amadurecimento de Eça, que dá à obra do autor d' *Os Maias* maior amplitude de visão, ver Reis, Carlos (1997), *Eça de Queirós. Consul de Portugal à Paris. 1888 – 1900. Présences portugaises en France*, Paris, Centre Culturel C. Gulbenkian.

>>

[12] Ver também "O francesismo", publicado postumamente, em 1912, em *Últimas páginas*.

BIBLIOGRAFIA √

Amorim, Francisco Gomes de (1881), *Memórias biográficas*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional.

Dias, Luís Augusto Costa (1991), "Introdução: os fundamentos do pensamento político de Garrett na fase da doutrinação liberal", in *João Baptista de Almeida Garrett. Obra política: doutrinação da sociedade liberal (1824 – 1827)*, Lisboa, Estampa.

Dinis, Júlio (s/d a), *Uma família inglesa. Obras de Júlio Dinis*, vol. 1, cap. IV, Porto, Lello & Irmão Editores,.

-- (s/d b), *Os fidalgos da casa mourisca. Obras de Júlio Dinis*, vol. 1, Porto, Lello & Irmão Editores.

Garrett, Almeida (1904), "Discussão da resposta ao discurso da Coroa – Discurso proferido na Câmara dos Deputados na sessão de 8 de fevereiro de 1840", in *Discursos parlamentares. Obras completas de Almeida Garrett*, vol. XXVI, Lisboa, Empresa da Historia de Portugal, 51 – 95.

-- (1963a), *Portugal na balança da Europa. Obras de Almeida Garrett*, vol. I, Porto, Lello & Irmão.

- (1963b), *Viagens na minha terra*, Lisboa, Portugalíia.
- (2004), *O arco de Sant'Ana. Crónica portuense*. Edição de Maria Helena Santana. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- (2007 a), "Literatura inglesa - Sir Walter Scott", in *Literatura, história e política em Portugal (1820 – 1856)*. Orgs. Lúcia Bastos Pereira das Neves, Paulo Motta Oliveira, Sérgio Nazar David e Tânia Bessone. Fixação dos textos de Sérgio Nazar David, Rio de Janeiro, EdUERJ.
- (2007b), "Lady Morgan; e sua Itália", in *Literatura, história e política em Portugal (1820 – 1856)*. Orgs. Lúcia Bastos Pereira das Neves, Paulo Motta Oliveira, Sérgio Nazar David e Tânia Bessone. Fixação dos textos de Sérgio Nazar David, Rio de Janeiro, EdUERJ.

Gay, Peter (2002), *O século de Schnitzler. A formação da cultura da classe média. 1815 – 1914*, São Paulo, Companhia das Letras.

Lustosa, Isabel (2006), *D. Pedro I*, São Paulo, Companhia das Letras.

Monteiro, Ofélia Paiva (1993), *Viagens na minha terra, o nascer da modernidade literária portuguesa*, Lisboa, Casa da Imprensa.

-- (2001), *O essencial sobre Almeida Garrett*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

-- (2004), "O projecto educador de Garrett no semanário *O Cronista* (1827)", *Portuguese Literary & Cultural Studies – 12 – The Other Nineteenth Century*. Center of Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth.

Queirós, Eça de (s/d a), *Os Maias*, Porto, Lello & Irmão, 2 vols.

-- (s/d b), *Cartas de Inglaterra*, Porto, Lello & Irmão.

Reis, Carlos (1997), *Eça de Queirós. Consul de Portugal à Paris. 1888 – 1900. Présences portugaises en France*, Paris, Centre Culturel C. Gulbenkian.

Terra, José F. da Silva (1967-1968). "Les exils de Garrett en France". *Bulletin des Études Portugaises (nouvelle série)*, n. 28 e 29.

Vasconcelos, Ana Isabel (2003), *O teatro no tempo de Almeida Garrett*, Lisboa, Museu do Teatro.